

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

Ano IX, Nº 257 - Volume XXVIII - Porto Velho - Junho/2010.

ISSN 1517-5421

EDITOR

**NILSON SANTOS E
ESTEVIÃO RAFAEL FERNANDES**

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABIÓLA HOLANDA - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 150 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

257



máquina tribal: a questão da liberdade

Alberto Lins Caldas

máquina tribal: a questão da liberdade

Alberto Lins Caldas

Universidade Federal de Alagoas-UFAL

Departamento de História

www.albertolinscaldas.unir.br

albertolinscaldas@yahoo.com.br

Resumo: desenvolvimento dos conceitos de singularidade, política e liberdade a partir da noção de máquina tribal.

Palavras-chave: máquina tribal, singularidade, liberdade, política.

Abstract: development of the concepts of singularity, politics and freedom beginning from the notion of tribal machine.

Key-Words: tribal machine, singularity, freedom, politics.

“Aqueles, portanto, que julgam que é em virtude de uma livre decisão da alma que falam, se calam ou fazem seja o que for, sonham de olhos abertos.”

Ética III, Proposição II, Escólio.
Espinosa

i

*. tanto o “eterno retorno”, o “amor fati” ou a “transvaloração de todos os valores”, quanto o “conhecimento de deus”, o “amor dei intellectualis”, de ressonância platônica, já não são respostas suficientes, não são adequados, mas incompletos, desviantes: o aceitar o q se é, conhecer a máquina tribal e as máquinas contratuais, seus afetos e sentimentos, não seriam suficientes pra postarem uma singularidade autônoma, pra erguerem a liberdade, pra escaparem do constrangimento da máquina tribal nua e crua, pra chegarem a espinosana felicidade: é confiar q alguma palavra, idéia, crença seja suficiente pra tanto: a palavra é sempre força de manutenção: hipóstase, fetichismo, reificação.

*. ?só existe a máquina tribal: tudo aquilo q “é” a individualidade, a singularidade numa máquina contratual, são relações, poderes vivos advindo doutras máquinas contratuais, amarramentos de programas em rede, todas fazendo parte das relações vivas, dos poderes da máquina tribal: mas a singularidade não se exaure em ser apenas reflexo, autômato programado realizando apenas a programação, ausente das causas, das alegrias potentes do existir: aumentar as forças singulares, as forças ativas, mesmo tando presentes, é o q vai diferenciar, vai singularizar, criar a singularidade: o poder de agir na direção das forças criativas, acentuando suas essências contra as forças reativas, negativas, torcendo o menor na direção das forças maiores, criando a si mesmo, as relações, sua singularidade: utilizar as

determinações enquanto liberdade é "estetizar a existência" fazendo ela ex-pressão não das determinações diretas da máquina tribal, mas de escolha da singularidade num círculo vicioso onde o resto é poder de se tornar: há uma "necessidade livre" onde a singularidade faz a vez da máquina tribal, sem esquecer q, estranhamente, essas novas relações q tornaram um indivíduo uma singularidade, pode ou não fazer parte, ser desejada ou não pra máquina tribal: esse excesso de diferença, essa riqueza de forças, de experiências, de potências, de redes de imaginários, de desvio inesperado mas necessário, pode ser assimilado, ser "útil" ou "inútil", "alienado" ou "reutilizado", "integrado" ou "eliminado": a máquina tribal com seus entrenós é a fonte das forças, dos programas, dos rituais, dos imaginários q fazem rodar o imediato enquanto realidade nas e pras máquinas contratuais, mas não é absoluto de programação, não é um-ser, exatamente por sua multiplicidade, por suas fendas, contradições, plurivocidades, afetos e afecções, tecidos de forças, redes rizomáticas: o "resto", o "desvio", pode se tornar a singularidade enquanto invenção advinda das inumeráveis escolhas feitas, impostas pelas forças ativas, das amarrações entre forças positivas formando relações maiores, criadoras, aumentando no grau máximo o conatus: a singularidade, a criação, a alegria de compreender-se e compreender a máquina tribal, o q espinosa chama de felicidade, a plenitude, no "nosso caso", descarnado do "deísmo": no momento singularidade, um modo da máquina tribal, a ação, a atuação não pode mais se dar na dimensão da máquina tribal (como em todos os servos artistas e servos escritores), mas contra ela, inutilmente contra ela: não pode ser um elogio, um curvar-se ao formigueiro, não pode ser contemplação do horror: mesmo fazendo parte, perspectivar-se no desvio, entre abismos: mas esse desvio, essa possibilidade loxográfica, essa singularidade inda assim tará sempre na órbita da máquina tribal: não só enquanto produção, circulação vital e preparação, mas se vive ou se morre, se pode ou não ser torcido até servir.

*. o indivíduo é um jeito da máquina tribal: tudo são maneiras da máquina tribal: é como atitude q o indivíduo expressa de "maneira certa e determinada" a máquina tribal: não há uma "ampla e irrestrita" liberdade, seja de "ação e escolha", seja a do livre-arbítrio, principalmente porq a máquina tribal não é entidade, logo, também não é livre: toda "proposta" de liberdade faz parte.

*. ?como o indivíduo pode "governar suas afecções", governar a "si mesmo", governar "sua sociedade": precisamos começar pela máquina tribal, como espinosa começou pela substância única, por deus: começar pelo "homem", pela "natureza", pela "história", pela "sociedade" é inverter, cometer um "erro fatal": ao mesmo tempo precisamos começar pelo jorro cru de forças q chamamos caos: várias entradas, vários pontos de partida, todos teóricos, provisórios, inconsistentes, mas suficientes.

*. a liberdade é o limite tribal da determinação, onde ela se encontra com ela mesma e retorna às densas redes em fluxo da máquina tribal: não há propósitos, intenções, vontades, auto-determinações, autonomia, mas o "fim", a "ponta de rama" das determinações da máquina tribal: isso q é a liberdade é conatus: expressão viva do nosso "apetite" e do nosso "desejo": causa adequada, ativa, livre: liberdade é quando a força ativa do conatus se torna dominante, cria suas próprias conexões, reforça o positivo e enfraquece o negativo: quando o trabalho da positividade anula ou reencaminha o "trabalho do negativo" [essa metafísica

perversa hegeliana q torna o imediato incompleto, jamais pleno, sempre a espera da “vida melhor”, da totalidade realizada, uma verdadeira “vida depois da morte”]: a máquina contratual plena – pro trabalho, pra reprodução, pra se divertir nos fluxos da máquina tribal.

*. todo o existente, a existência, são produções da máquina tribal: tudo é ela mesma e suas formas e movimentos: a liberdade é a expressão maior da máquina tribal: é quando a própria máquina tribal se torna expressão da singularidade, e ela um modo estranho da máquina tribal: mas essa estranheza não lhe é externa, não lhe é simples oposição, mas faz as vezes da máquina tribal, agindo como ela mesma nas produções de forças: a liberdade é produto fundamental da máquina tribal capitalista, uma das suas forças constituintes.

*. a relação entre a singularidade e a máquina tribal passa a ser a de compreensão, aceitação, concordância, oposição, guerrilha, enfrentamento: fazemos parte e somos a máquina tribal (não pode ser compreendida exclusivamente como autocriação ou ex nihil), exatamente porisso podemos lutar contra ela, mesmo sabendo q isso faz parte dela, parte das suas necessidades, determinações, funções: a liberdade passa a ser necessária à máquina tribal: também autocriação da singularidade [mas, estranhamente, não é causa de si mesma, gerando a anomalia duma causa de si mesma como determinações da máquina tribal q também se torna causa de si mesma: a liberdade necessariamente ligada as determinações da máquina tribal: conglomerado anômalo e normal, a singularidade e sua liberdade só podem ser compreendidas sob uma lógica própria à máquina tribal no seu momento contratual, sólida, líquida, gasosa, vítrea]: autocriação q é mais um oroboro da máquina tribal: a singularidade é oroboro “dentro” e produzida pelo imenso oroboro máquina tribal.

*. a máquina tribal não é livre (“não poderia ter escolhido ser ou não ser de determinada forma”: “age somente pela necessidade da sua natureza”), é pura produção, porisso gera e pode gerar a singularidade, q é exercício vital dessa mesma “forma de existência”, agindo consigo-mesma como-se fosse a máquina tribal: a liberdade é “expressão da própria essência” da singularidade ao mesmo tempo em q ta em suas determinações: a singularidade é laboriosa construção: assim como cada máquina contratual é um modo da máquina tribal, a liberdade é um modo da singularidade: “a ordem e a conexão das idéias é a mesma que a ordem e a conexão das coisas”: a liberdade é idéia e conexão de coisas, esclarecimentos de corpos, expressões da singularidade [um dos requisitos mais refinados da máquina tribal], aumento da potência, acréscimo de expressão, criação, produtividade.

*. se meu “corpo” é afetado, minha “alma” também será necessariamente afetada [corpo é apenas uma das “manifestações” da máquina contratual]: o q é paixão no “corpo” é paixão na “alma” e vice-versa: o q é liberdade no “corpo” é liberdade na “alma”: o q é liberdade e singularidade no “corpo” e na “alma” é liberdade e singularidade na máquina tribal: a esquizofrenia metafísica diz perfeitamente a máquina tribal.

*. a singularidade e a liberdade (q só aparentemente são “duas coisas”: não há “diferença de natureza”) só poderão ser realmente pensadas nas múltiplas relações entre as máquinas contratuais nas muitas formas dos agenciamentos [todos os agenciamentos são possíveis]: não são relações independentes nem das máquinas contratuais, nem dos entrenós, nem da máquina tribal.

*. o bem e o mal se tornam o bom e o mau: é a singularidade e sua liberdade, ou as parcelas do singular e do livre no individual, q determina (sendo determinado) as forças dos modos de existência: o bom e o mau: só sabemos plenamente o q é bom ou mau nas relações, o “mundo bom” e o “mundo mau”, as “boas relações” ou as “relações nefastas”, quando a singularidade assume o poder de discernir, de separar, de apontar porq, onde, quando, pra q, quem, quais forças envolvidas: quando pode discernir, despersonalizando e personalizando, a máquina tribal e as máquinas contratuais e suas forças, sem fazer mais “parte da manada” em suas crenças diretamente ligadas as determinações da máquina tribal: a singularidade conquista um espaço entre si mesmo: e tamos no centro vivo da máquina tribal, nas conquistas dos entrenós, na “realização” das máquinas contratuais.

*. as máquinas contratuais só se tornam máquinas contratuais, só são forma e movimento, paixões e ações, porq advêm de relações de forças, sendo afetados e afetando: as máquinas contratuais são forças ritualizadas: forças apaixonadas: afetos vivos, potentes, em constantes agenciamentos: os encontros são esses poderes de afetar e ser afetado: um bom encontro: o aumento de potência, quando uma máquina contratual se compõe com outra, uma máquina contratual feliz, forças em expansão: mau encontro: diminuição de potência, má combinação: as relações maquinicas se dão em decomposições e composições: a liberdade é o conjunto de forças capazes de provocar os bons encontros e lutar contra os maus encontros: a singularidade é o resultado desses combates q tendem a alargar, a provocar, a procurar, a invocar, a produzir, a criar e manter ao máximo nossa potência de agir: felicidade, bem-estar, gozo, saúde na máquina tribal: produções, consumos, reproduções.

*. a questão tanto da singularidade quanto da liberdade não está no “querer”, na “vontade livre”, de “sermos naturalmente livres”: o vinco imaginário, a dobra escrava, a torção servil q é a consciência, apenas sofrendo os efeitos dos bons e dos maus encontros, desconhece as redes produtivas de forças, ou melhor, toma os “efeitos” por “causas”, se considerando a “causa primeira dos seus atos”, como se “sua” máquina contratual enquanto integralidade existencial fosse uma criação sua: a ilusão principal da singularidade e de todas as formas de liberdade.

*. quando alargamos nossa potência de agir, nos tornando a “causa adequada” tanto do q se produz “em nós” quanto o q se produz “fora de nós”, somos felizes, singulares, livres: nos tornamos “nós mesmos”: quanto mais agimos adequadamente mais potência, mais relações, vidas, corpos, idéias incluímos a nós, mais singulares, mais livres nos tornamos: tanto as paixões quanto as ações, tanto as relações quanto as idéias q aumentam nossa potência, mais felizes, mais singulares, mais livres: tanto as paixões, quanto os afetos, as relações, na singularidade, não se dão “fora de nós”, sem nós, nos tornando passivos, se explicam por nós mesmos numa aguda relação agônica entre nós e a máquina tribal, entre nós e as outras máquinas contratuais: condições essenciais pro “novo trabalhador”, o novo servo feliz e saudável da máquina tribal.

*. as paixões tristes (o “corpo mutilado”) enquanto “afecções no grau mais baixo da nossa potência”, quando nos separamos ao máximo da nossa potência de agir, imediato alienado rodando ideologicamente, largado nos delírios dos imaginários sociais, religiosos, políticos, não faz parte da singularidade, ou melhor, a

singularidade é a luta contra as paixões tristes, instaurando as paixões alegres (o corpo pleno), aquelas q elevam ao máximo nossa potência de agir: o q não dá prejuízo, não afeta as produções, as relações de reprodução, o ambiente de trabalho, o seio familiar, as relações de amizade.

*. a singularidade é o assenhoreamento das forças, das relações, das potências formatadoras, formadoras numa luta por mais potência, produzindo alegrias, encontros alegres, fortalecendo nossa potência, nossa alegria, a alegria e a potência dos outros, gestando novas realidades, desatando a tristeza, o q enfraquece a vida: são esses "valores", não a vontade, o "livre arbítrio", a consciência, essas ações vitais, q regem a vida singular: ?sem isso como produzir as produções: ?como produzir as redes ilusórias da felicidade, da liberdade, da saúde, da satisfação são forças potentes o suficiente pra fazer a máquina tribal rodar mil vezes.

*. não só o conhecimento, o pensamento, a criação nos torna livres e singulares, mas as paixões criativas, as paixões dos bons encontros, os corpos q combinam, as horas plenas: tudo isso são idéias, corpos, afetos, vidas adequados pra singularidade: a liberdade não é apenas conhecer a máquina tribal [como espinosa conhecendo deus], mas viver plenamente os bons encontros gerando mais bons encontros: disso todos os filhotes, todos os produtos, todos os acordos.

*. a máquina tribal não é o "deus" de espinosa nem a "vida" de nietzsche: não nos cabe afirmar, aceitar: a máquina tribal faz isso sem precisar disso: nós a servimos sendo o q somos, fazendo o q fazemos, crendo no q cremos: ela é evidente im-positividade: uma "vontade positiva" na máquina tribal é só servir [me servir]: pra isso já existe todas as manadas, todas as individualidades: cabe à singularidade, ao compreender essa multidimensão conceitual, conquistar sua posição, sua maneira "dentro" da máquina tribal: aceitação simples, indiferença, negação, resistência: mas pra manter a singularidade essa "escolha" não pode gerar tristezas, forças reativas, impotência, medo: a máquina tribal sendo também e ao mesmo tempo o deus e a vida, a matéria e o movimento, espaço e tempo, é a própria "racionalidade" q instituiu isso como conceitos essenciais: as lógicas da máquina tribal, q se expressam antes de tudo como formas de vida, exercícios vitais, instaura limites, possibilidades, aberturas finitas: a potência de existir e de pensar sendo a mesma, potências de agir, exigem da singularidade mais q aceitação, mais q positividade, mais q inclusão: mas cabe a cada singularidade encontrar essa postura "diante" da máquina tribal: a ética e a política da singularidade não pode ser a das manadas, mas também não pode ser uma ética e uma política tristes, o q leva, normalmente, a um impasse: teoricamente combater a máquina tribal e instituir a "sociedade feliz" seria uma solução, mas sabemos q todas essas variantes são faces racionais do terror dentro do horror: viver bovinamente na máquina tribal também é triste, é impotente, é reativo: porisso cabe exclusivamente à singularidade, não a uma filosofia, a uma política, a uma ética, a um estado, apontar sua posição [exigir um lugar, uma posição, uma linha, uma idéia, uma vida, uma política, uma definição é próprio dos estados, das igrejas, dos partidos, das famílias: atributos integradores, transformadores, gestores de servilidade]: como a máquina tribal não é "valor supremo", não é uma "eternidade", um "ser supremo", um "ideal social", cabe à singularidade com todas as determinações, todas as redes programáticas, todos os rituais, todos os labirintos da máquina tribal constitutivos, encontrar seu caminho, suas respostas, sua forma de ação, de vida: ela mesma, a singularidade, o singular, se torna seu "valor maior", sua meta, uma meta sempre imediata: não fugir da singularidade e suas causas, suas conseqüências, não fugir da existência, do corpo, das paixões

plenas e alegres, plenificadoras, dos planos de força onde a “vida se afirma”, mas sabendo q tudo isso não se faz contra, acima, por sobre, depois ou contra a máquina tribal: “somos” sempre “ela”.

*. a grande operação da singularidade na máquina tribal é aglutinar o disperso, dar corpo as redes desconectadas, nome as palavras soltas, idéia aos devires, força ao q esmorece, forma aos fluxos, limite a sentidos, campo a sentimentos, finalidades, função ao desumano: estabilizar algo indomado, indistinto: tornar “humano” algo “inumano”: regar o desregrado: dar historicidade ao sem historicidade: anatomia ao sem órgãos: alcançar os interstícios, as frinchas inda não alcançadas, completamente envolvidas, compreendidas (institucionalizadas, dominadas, debeladas, disciplinadas): tornar conhecimento, disponibilidade, acesso aos elementos singulares espalhados nas individualidades: avaliar o poder, a disposição, a utilidade desses elementos articulados ou não: a singularidade é a parte necessária “livre” q gera mais poder, mais domínio, mais institucionalização, mais potência, mais invenção através da produção de saberes, de conhecimentos, de sensibilidades, de objetos, de situações.

ii

“... abrir caminho na massa pegajosa que se proclama mundo ...”

Histórias de Cronópios e de Famas
Julio Cortázar

*. a máquina tribal tem sido e não pode deixar de ser essencialmente metafísica e niilista (militar, política, religiosa, pedagógica, científica): é com essa massa deslizante, porosa, contraditória, totalitária, imperialista q temos q lidar, sabendo q jamais poderemos falar-sobre, mas sempre num pegajoso falar-dentro, falar-de-dentro, entranhado, nua experiência circular, próxima do terror, assumindo a impossibilidade como condição do filosofar, do politizar, do viver: a impotência, a fraqueza e o medo, ao mesmo tempo todos os provisórios contrários.

*. ?q é a liberdade: “uma coisa é livre quando ela existe pela única necessidade de sua natureza, e está determinada a agir apenas por si mesma”: por essa definição apenas é livre o deus de espinosa, mas nessa definição escapa algo q nos atinge: a liberdade desse deus [é a liberdade q queremos, o q entendemos por liberdade: logo esse deus q nada pode contra ele mesmo e suas leis, sua natureza, seu poder] expõe nosso “constrangimento” porq somos determinados “por uma outra coisa a existir e a agir”: somos afecções desse deus, dessa máquina tribal: só ela seria livre, se fosse um “ser”: somos afecções dum “formigueiro” [a imagem biológica volta à sua razão, ao seu determinante]: não podemos existir, agir, pensar, “ser concebido” fora ou sem a máquina tribal, sem as redes vivas de forças, afetos, potências, rituais das máquinas contratuais em seus entrenós: só a máquina tribal através das máquinas contratuais são “causa” duma máquina contratual individual: mas a máquina tribal não é livre num sentido direto, individualizado, personalista, voluntarista, mas forças programadas, ritualizadas produzindo

necessariamente as produções [porq se puseram a produzir de certa e de determinada maneira ab ovo]: ?se a máquina tribal não é livre como pode ser livre suas afecções, suas máquinas contratuais: todas as máquinas contratuais fazem parte constitutiva da máquina tribal, mas não há máquina tribal sem máquinas contratuais: a máquina tribal não é nem pode ser livre assim como não são livres suas máquinas contratuais, mas a liberdade não se esgota nisso: as máquinas contratuais tão absolutamente unidas entre si, isto é, fazem em ação, em rede, em rituais, em produções a máquina tribal: a liberdade é uma idéia útil, uma “boa idéia”, uma cachaça.

*. cada indivíduo expressa numa certa forma determinada, precisa, especial a essência da máquina tribal: as lutas, os conhecimentos, as forças a q esse indivíduo for posto pra conseguir coagular, modificar, intensificar já faz parte das necessidades, das possibilidades da máquina tribal enquanto máquina contratual: a liberdade deve ta ligada à questão da determinação, da necessidade, aos imperativos rizomáticos: uma máquina contratual enquanto modo da máquina tribal não existe por “única necessidade de sua natureza”: um “modo é o que existe em outra coisa, e é concebido por esta mesma coisa”: a máquina contratual “não age, mas cada uma das suas modificações é determinada necessariamente” pela máquina tribal através e com e pelas outras máquinas contratuais em seus entrenós: uma máquina contratual é, em parte, a própria máquina tribal, logo é livre não sendo nem podendo ser, mas não é a máquina tribal “inteira”, nem as outras máquinas contratuais e seus constrangimentos, contraforças, potências e contrapotências, códigos e contracódigos: a liberdade da máquina contratual enquanto indivíduo é parte da liberdade da máquina tribal: cada máquina contratual pode atingir, distinguir, rastrear, conhecer todas as afecções q são seu corpo na máquina tribal: pode compreender geneticamente e genealogicamente suas afecções e programações, suas funções básicas e secundárias na máquina tribal, mas esse conhecimento q pode crescer pelo acréscimo de forças da própria máquina contratual, inda assim, não pode ser chamada livre: as forças q se aglutinam dando mais potência, mais consciência, mais singularidade às forças ativas, criativas, forças singularizadoras numa existência estetizada [alguns indivíduos de “muitas classes”, mas genericamente também, podem ter a impressão de tornarem o horror uma “obra de arte” criada por eles mesmos], inda assim não são “causam sui”, mas determinações funcionais da máquina tribal: saber, se singularizar, atuar adequadamente, não leva à liberdade, a não ser em seu conceito fraco, dependente, possível, aceitável: tirar as idéias, as forças, novas potências da “sua própria essência” é fantasma [da máquina], engodo da máquina tribal, artifício q caracteriza a própria máquina contratual enquanto “ser livre”, iguais entre si, pra se “venderem no mercado” [tanto a liberdade quanto a igualdade, a felicidade e a saúde, são condições de funcionamento e existência das máquinas contratuais enquanto indivíduos e em formigueiro, massa, população, cardume: determinações essenciais da máquina tribal]: enquanto age assim as máquinas contratuais, concepção e plano estrutural e funcional da máquina tribal, são tão livres quanto a própria máquina tribal [só há liberdade na conformidade, no ritmo, nas produções, nas crenças, nas reproduções]: essa liberdade na determinação, nas redes de condicionamento e forças a serem realizadas funcionalmente, não combina com a noção de “livre arbítrio” cristã, nem com a “liberdade burguesa” dos últimos séculos e inda vulgar: ser livre como a máquina tribal é realizar as programações adequadas da máquina tribal: “ser eu mesmo” é ser a máquina contratual necessária, re-querida: só podemos ter a “liberdade e a felicidade”, pessoal e coletiva, das formigas, das abelhas e das térmitas e isso é mais q suficiente e “sempre foi”.

*. quando a máquina contratual assume “por si mesma o princípio de todas as suas determinações” e vê “cada uma dessas determinações resultar necessariamente dum concurso de causas exteriores à essa determinação”, quando “vê todas as suas determinações decorrendo necessariamente de sua própria essência”, essa máquina contratual ou está delirando, ou é dormente, iludida, inocente, burra ou ta fazendo parte alegremente dos rituais ideológicos, midiáticos, institucionais, estatais, nacionalistas, familiares da manada.

*. amar, conhecer, compreender ou aceitar a máquina tribal não nos faz nem felizes, nem livres ou mais potentes pra nenhuma dessas ilusões determinadas da máquina tribal: “a liberdade consiste num amor constante e eterno para” a máquina tribal, “ou se preferirmos, num amor” da máquina tribal “por nós” [quando substituimos o nome do senhor, o nome do pastor, o nome do pai por um duma máquina, ou formigueiro o ridículo violentamente aparece]: essa liberdade e esse amor se tornaram, nesses séculos q nos separam de espinosa, patéticos demais [como patéticos as lutas de nietzsche a foucault e deleuze tentando uma outra sociedade, outros valores, num mesmo universo, talvez antigo reformado]: nem nós nem a máquina tribal nem a liberdade alguma pra ser, fazer, pensar, sentir diferente: a complexidade das determinações em redes, em rituais, em programas, em crenças e jogos gerando o imediato nos dá a impressão de liberdade, a mesma impressão q é fundamental como um dos elementos pro imaginário da máquina contratual existir como máquina contratual.

*. compreensão, entendimento, consciência, comunicação, juízo – invenção de padres: a máquina tribal devora sem humor, sem riso, sem alegria: a máquina tribal não ri, não brinca, não compreende nem quer entender: faz e desfaz: os ossos, a carne, os dedos, a língua, os sonhos, os desejos, q se fodam se forem um centímetro fora do necessário, do determinado, das forças e potências, fora do inda não incluído, infestado e advém por mutação, por desvio, por multiplicidade inda indomesticada: a individualidade, a singularidade são apenas operadores: suas funções devem operar na onda do existente.

*. se a liberdade fosse uma “força interna para ser plenamente uma potência de agir que encontra em si mesma a causa total de suas ações”, espinosa poderia ter razão, mas todas as “forças internas” foram inscritas pelos entrenós pra se tornar uma “potência de agir”, isto é, um operacional na máquina tribal q precisa de um “si mesmo” com as ilusões potentes de ser “causa total de suas ações”: sem essa última condição não teríamos uma máquina contratual capitalista, consumista, entorpecida por todas as tecnologias, crenças e práticas do totalitarismo vítreo.

iii

“... a cada um a liberdade de viver segundo seu engenho: aqueles que quiserem, certamente podem morrer por seu bem, contanto que me seja permitido viver pela verdade.”

Carta de Espinosa a Oldenburg, 1665.

*. a idéia de partido ta ligada indissolavelmente a de estado e a de nação, a de produção e consumo, a de exploração e liberdade, a de revolução e governo: sua função essencial (aquela q não se explicita e é negada pelo discurso) não é dissolver um "estado de coisas" com uma "nova política" ou com uma revolução, instaurando um novo muito melhor, um novo mais novo, mas fortalecer, administrar, reorganizar, resignificar, potencializar, salvar - sob outro discurso, sob outras práticas, o mesmo, o capital [em todas as suas variantes, o q abre um leque imenso de regimes num mesmo "modo de produção"]: porisso, por exemplo, uma revolução [sempre voluntariamente ligada a um partido] não poderia ta ligada a nenhum partido, a nenhuma forma de política partidária, lugar do desejo de predomínio, das "táticas de classe": ao mesmo tempo a nenhuma forma violenta de "tomada do poder", tomada dos "aparelhos do estado": estratégias q, ao cabo, protegem exatamente e com muita precisão o próprio estado e a produção de capital sob a forma da exploração, protegida por nova maneira de administrar (burocracia, cargos) e proteger (polícia, exército, gestapos), o q quer dizer q uma revolução voluntarista não passa de uma alegoria perversa do capital [e uma "revolução natural" não passa de cinismo]: por outro lado, dada a cristalização imaginária do real (naturalizado e historicizado), sem a violência grupal, q provêm e é treinada e inspirada sob a ótica da "história estado" (o tempo naturalizado e universalizado) e suas "classes", não se consegue quebrar a estrutura [daí a utilidade pra máquina tribal dos "socialismos"]: é o paradoxo: pra quebrar deve se aliar sem saber ou querer q se alia, sem saber sequer q faz parte determinada daquilo q pensa combater (sem saber a q mestre segue): ao quebrar, depois de muita violência, começa a "limpeza", os "expurgos", inicia o "admirável mundo novo" dos fascismos de esquerda (socialismos) e de direita (democracias e liberalismos), com novas e revigorantes atividades sociais, culturais, econômicas, políticas: a máquina tribal agora é protegida de outras formas (as q ela precisava, exigia, rangia, produzia, fazia ver, instigava a se tornar atividade): nada mudará realmente: esse é o paradoxo: uma "teoria da revolução" só seria possível se ela não fizesse parte da máquina tribal, o q é impossível: as "revoluções", assim como as "estabilidades", são maneiras de existir, de se manter, se replicar, se renovar, de se transformar da máquina tribal nos seus momentos capitalistas.

*. os valores (básicos), tomados pela máquina tribal capitalista (a "cristandade") como permanentes, universais, vitais, podendo virem todos num feixe articulado seja numa máquina contratual seja numa "comunidade", são, sem dúvida, "objetivos", vivenciais, mas são múltiplos, diversos, antagônicos, incomparáveis demais pra se darem bem numa "revolução", numa "sociedade nova": quando os "valores essenciais" se põem, se impõem como um todo na "vida política", quando são forçadamente feitos valer sejam em conjunto articulado seja um sobre os outros, as valas comuns se entopem de cadáveres e certas formas de "individualidade", de "crenças", de "grupos", de "raças", de "povos" se vêm, literalmente, no inferno: não há nem pode haver (a não ser nos mais ridículos totalitarismos) compatibilidade, harmonia ou convivência entre valores q tomados como ponto de partida geram "sociedades perigosas" pros q partem de outros valores também essenciais: "direitos", "igualdades", "liberdades", sendo incompatíveis, incomparáveis, levam a conflitos e impasses mortais, mas necessários pras políticas momentâneas da máquina tribal (não pras "sociedades democráticas" ou pras "sociedades liberais"): quanto menos restrições melhor (o mercado agradece e pede mais!): ?como saber dosar a quantidade e qualidade dos "remédios": ?quais serão os médicos: ?qual a medida média, ?qual o árbitro: os valores são inumeráveis, antagônicos, essenciais, potentes em suas diversidades, seus interesses, suas forças e crenças: servem diferentemente a "fatias antagônicas": a medida, o meio

termo, o universal, o natural, o melhor, a estrutura articulada de valores sociais e individuais, o modelo - é mortal, mas o contrário também: e dizer mortal é já escolher um nódulo específico de valores em determinada posição, determinada "sociedade", específicas "formas de vida", é ver a máquina tribal em sua multiplicidade una, é poder ver a máquina tribal: ao mesmo tempo é não aceitar as prescrições - das ciências, das filosofias, dos saberes, das mídias - por fazerem parte, por serem parte das muitas faces da autoridade, dos muitos corpos dos senhores e dos servos, das muitas falas do estado, da infinitude das potências da máquina tribal: a vida múltipla não se reduz a não ser nos saberes (políticos), q se pretendem prescritores de mundos utópicos, isto é, campos de razão q se tornam campos de trabalho (por advirem das redes vivas de forças da máquina tribal), o primado duma das "verdades", dum dos "direitos", em detrimento da multiplicidade viva (e aí teremos q aceitar muitos inaceitáveis) de "verdades", "direitos", "crenças", vidas (q aprendemos a defender como o "melhor mundo possível", em defesa da máquina tribal): tudo deve correr pra unidade, concorrer pra identidade: esse "projeto estatal", "projeto positivista", "projeto racional" se confunde com os autoritarismos, os totalitarismos, as ditaduras (são a exposição do "espírito" e da "essência" fascista da máquina tribal): a compactação, a racionalização, a exclusão das diversidades acontecem antes nas "mentalidades", nos "imaginários", nas "teorias", e se tornam políticas: esse reducionismo escolhe uma "verdade" dentre o leque das "verdades vitais" e torna ela eixo: e nisso tudo não há nem determinismo nem escolha, mas operacionalidade: poder comer, criar bem os filhotes, não ter medo, poder escolher, ser livre dentro das multiplicidades determinadas da máquina tribal é um "bom momento", mas essa vida não exclui a exploração, a presença sempre mais forte do estado, da nação, da lei, as normoses da máquina tribal, sempre fascista: a máquina tribal é, duma maneira ou doutra, a produção do "bem geral", a luta por esse "bem": essa idéia é pura perversidade, o horror, mas nada mais operacional, mais positivo (amor fati).

*. há "momentos" da máquina tribal q por razões da própria máquina, servindo a ela, sendo ela, não mata indiscriminadamente, não estrangula as idéias e o falar, não sufoca a vida diária, luta por "pão e paz", por uma atmosfera suportável, sem repressões, sem violências políticas, sem coerções econômicas violentas, não secreta medo e insegurança, mesmo q isso seja uma forma de exploração e camuflagens da própria máquina tribal (quase sempre mata, aterroriza, explora, infesta fora, do seu "território", longe da sua "população", das suas "leis"): mas é o suportável, o "melhor de viver" [o perigo do "melhor dos mundos possíveis"], a isso podemos chamar, purgando o termo, democracia e liberalismo [duas propostas antitéticas, mas sempre com articulações: igualdade e liberdade: e seu delírio extremo e monstruoso o socialismo]: mas não podemos ter as ilusões q essa é uma atmosfera conquistada pela liberdade pra liberdade, pela autonomia pra autonomia, pela razão pra razão: são "momentos necessários" da máquina tribal sempre heterônoma: fazem parte dos ideários do momento capitalista, de específicas formas de exploração, de configurações gerais q não surgem duma livre "decisão de luta" pruma "sociedade aberta": é o "melhor" [o q não dói é o melhor: a máquina contratual é "empirista", "terra a terra", "minha carne primeiro"], mas jamais deixará de ta fundado na máquina tribal enquanto "momentos administrativos", instâncias e poder e horizontes concretos das produções: esses momentos, seriam o melhor q podemos chegar ("conto de fadas", "utopias"), ou chegamos, àquilo q chamamos "mundo livre", livre consumo, livre mercadoria, livre capital, mas pelo menos se pode, com um "mínimo de controle", comer, respirar, dormir, viver sem tantos medos, inseguranças, desesperos [essa é a "propaganda do sistema"]: tentar viver na "melhor maneira" q a máquina tribal

“permite”, deseja, porq se formos nós, indivíduos a desejar, normalmente sonhamos isso num tempo adoecido, adoecedor, e o sonho é apenas fuga: criar os “momentos” da máquina tribal não é utopia [o sem-lugar é a próxima mercadoria, o próximo mercado, os novos consumidores], mas necessidade da máquina tribal, não escolha livre duma individualidade q foi “forjada”, feita surgir precisamente pela máquina tribal, muito menos de partidos, facções ou grupos [toda política, se entendendo isso em seu sentido amplo, é a musicalidade, o ritmo, a harmonia da máquina tribal em seu pleno funcionamento].

*. escolhendo o “menor mal”: o q não me deposite, não me silencie, não me fuzile, não me torture, mas também não me mantenha com medo, com fome, com frio, desprotegido, educado pra ser apenas mais um servo dócil das produções, ou esmagado pelas coisas criadas por todas as máquinas contratuais e, principalmente, q haja momentos da máquina tribal onde a desigualdade não seja nem profunda demais, nem destruidora, ou um estado q seja apenas administrativo, “representativo do povo”, dos grupos, os dos “melhores” e não de “classes dominantes” (...): e já iniciamos os campos mortais das utopias perversas q, ao falarem e desejarem a verdade e a realidade, terminam por impor como estado, como polícia, como exército, como burocracia, como “espírito do mundo”, o horror sempre totalitário do seu sonho [os sonhos da máquina tribal são sempre os pesadelos de multidões de máquinas contratuais].

*. a máquina tribal não deixa de ser “vontade coletiva”, “medo coletivo” [também “vida individual”, “síntese de unidades”], essa vontade totalitária de pertencer a uma imensa e sólida manada, um “poderoso corpo coletivo”, máquina tribal onde todos possam comer, sonhar, existir em paz, se expandir, dominar, infestar: o sonho dos carneiros [q é ser lobo também] é a “materialidade viva” da máquina tribal: o “melhor”, a “vida democrática” [q faz tão bem o capital ser produzido: a manada agradece], não deixa de ser um dos momentos manada, cardume, formigueiro, tribo da máquina tribal em sua fome totalitária, em seu desejo infantil de proteção, assim como os liberalismos também são funções momentâneas: uma fazendo prevalecer a manada, o coletivo e seu poder, o outro fazendo predominar a individualidade, a liberdade e seu poder em produzir as produções [assim como os socialismos são a produção de capital sobre tudo escondendo isso].

*. o q “faz melhor” um “mundo democrático” ou um “mundo liberal” é a comparação com os momentos totalitários, ditatoriais, ou falsamente democráticos: o “melhor” se liga à vida, a liberdade, a conceitos da própria máquina tribal, mas q criam corporalmente, intelectualmente, vivencialmente, uma forma de “melhor viver”, de, inclusive poder se ter a ilusão da liberdade e do poder, isto é, tanto a “individualidade” quanto o “povo” podem manter “idéias e ações” compatíveis com uma autonomia na heteronomia: esse é um poder suficiente pra máquina tribal.

*. além das “tentativas partidárias”, “utópicas”, terminarem em ditaduras totalitárias, em genocídios, em campos de concentração, cria uma atmosfera sufocante, estéril, adoecedora, q não passa de mais um momento, não da autonomia ou da liberdade, mas momento da máquina tribal crua: a “luta por um mundo melhor”, fora dos precários conceitos democráticos ou liberais, termina num horror piorado [sem esquecer o horror piorado das democracias e liberalismos, seja dentro dos seus territórios, seja nos territórios dos “outros”: são jogos mortais todos eles: a diferença está no “tempo de vida” dos jogadores]: a luta por “um mundo melhor” é

a tradução em alegoria das forças dum "mundo melhor" da e pra máquina tribal: e isso é bom, numa maneira ou doutra pra outra criação necessária da máquina tribal: os indivíduos.

*. quando a máquina tribal se torna insuportável, porq sendo múltipla forma muitas possibilidades, podemos, devemos, resistir, lutar, construir as condições duma máquina tribal suportável: mas sem a ilusão da liberdade, da autonomia, do livre arbítrio [delírios q não levam em conta a máquina tribal e entende os indivíduos como mônadas auto-criadas ou criadas livres]: fazer as "forças democráticas" ou as "forças liberais" se unirem (isso já faz parte das forças), se tornarem mais fortes, se difundirem, se propagarem: isso muda a máquina tribal, na medida dela, mas muda [podemos mudar muito no ritmo das forças e potências da máquina tribal]: temos essas possibilidades abertas, postas pela própria máquina tribal e fazendo parte dela principalmente em seu "momento capitalista" (quando tudo se dissolve é porq tudo passa a fazer parte, todas as forças tão dispostas, a disposição, são armas e instrumentos disponíveis): só pra vivermos melhor, seja em "casa" ou na "rua", respirar, comer, ir e vir, conversar, acreditar e expressar sua opinião sem ser denunciado ou perseguido ou morto feito uma ratazana no meio da rua, consumir melhor, produzir sem desesperos, reproduzir as novas manadas, em paz e boas ilusões com uma "desigualdade social" e uma "exploração" aceitáveis [porq sem uma dose amarga de cinismo e uma estranha doçura ridícula não é possível desenvolver nada sobre política].

*. não a "simples sobrevivência", ou até mesmo uma "liberdade política", mas o bem-viver, o bem-estar [o mesmo q é sintoma da biopolítica foucaultiana], e isso sem deixar ninguém morto, destruindo mundos, mantendo populações no medo e na dependência: "liberdade" com "desigualdade social" combina apenas em momentos monstruosos da máquina tribal: não há democracia [expurgando o sentido de "governo da maioria" ou "governo da minoria para o povo"] quando não vive fora das ilusões acobertadoras: ou se "vive bem" segundo "seu próprio desejo e inclinações", ou as democracias e os liberais são os entrenós em seus frenesis perversos: democracia, momento político (atmosfera) da máquina tribal não pode se confundir com "estado democrático", com estado [o estado q estamos acostumados: parasita imaginário q somos nós mesmos, concreções imaginárias de poderes dos entrenós]: o descolamento produzido dentro da máquina tribal "gestando" o estado como "algo" separado da "sociedade" [estado e sociedade: mais uma sinistra esquizofrenia metafísica] não realiza, não possibilita o "democrático", ou possibilita apenas quando esse estado se torna tão "fraco", tão "administrador", tão colado à "sociedade" q pode não se tornar um predador faminto, um parasita monstruoso dentro do monstro, dentro do horror: esse monstruoso parasita autônomo parece estrangular a "sociedade" desde fora, mas é sempre dum de "dentro" da "sociedade" (essa esquizofrenia faz parte da máquina tribal): com o estado há sempre uma aparência de democracia, uma ilusão de participação, um fechar de olhos totalitário ao horror devorando milhões logo ao lado, depois dos muros do quintal, do condomínio, do prédio, do shopping: democracia pra alguns milhões e pobreza, desproteção, instabilidade, insalubridade, fome, insegurança, medo pra apenas um, não é democracia.

*. democracia não se recebe, se conquista na "cena pública", no "teatro do mundo", no "combate político": mas como a máquina tribal faz parte do surgimento de todas as variáveis, forças, desenvolvimentos, formas, estabelecimentos, não é nunca uma "ação entre amigos", "ação pura" da "liberdade individual" ou duma

“decisão coletiva”, isto é, a a possibilidade de tudo dar-em-merda é sempre muito grande: os fluxos não partem da “vontade”, do “sonho”, da “consciência”, mas dos entrenós da máquina tribal: o resultado pode ser um maravilhoso horror renovado: porisso essa “ação” não pode se dar “teoricamente”, “utopicamente” através de “modelos políticos revolucionários”, q são, normalmente, propostas totalitárias ou autoritárias camufladas.

*. não podemos esquecer as “condições objetivas e subjetivas” (sempre esquizos) da máquina tribal “moderna”: “economia de mercado”, “mundo industrial”, indivíduos “abandonados no mercado”, “sociedade de massas”, “consumismo”, estado/sociedade em relação esquizóide: poderes do estado, das mídias, dos mercados: tudo se transformou há muito tempo em mercadoria: uma democracia em tal máquina tribal, a idéia de democracia, se enfraquece na mesma medida em q se enfraquecem as forças q não servem a tal momento da máquina tribal: em tal momento toda liberdade advém da “liberdade de mercado”, “liberdade de consumo”, “liberdade das mercadorias”, “liberdade do estado”: tais “liberdades” em grande medida se tornam um democrático profundamente comprometido: um momento da máquina tribal onde se “troca gente” trocando coisas é um sintoma cruel demais pra não se levar em consideração: a luta política por uma “nova sociedade” tem levado sempre aos campos de extermínio e suas “sociedades totalitárias”: a própria “luta dos trabalhadores” por mais “conquistas econômico-sociais” consolidou a máquina tribal capitalista, suas formas de estado e seus mercados, suas leis, suas morais e seus valores, expandindo e consolidando a “sociedade capitalista”: democracia normalmente significa exploração, eliminação de grupos, pobreza e riqueza, “olhos bem fechados” diante dos “olhos bem abertos” da máquina tribal e seus mecanismos.

*. igualdade de mercadorias, de objetos, de forças, de leis, de ordens: me satisfaço e nos satisfazemos somente depois de comprar, e essas múltiplas satisfações se tornaram consumo: a máquina canibal estimula, assegura, estabelece democracias apenas e somente quando isso serve aos seus rituais tribais: democracia sim, liberdade sim, fraternidade sim, igualdade sim, maioria sim, mas q tudo permaneça “como sempre”: as múltiplas liberdades são fizeram nascer a “moderna” máquina tribal, mas sim a máquina tribal foi criando através de forças e desejos e vácuos e possibilidades a máquina tribal “moderna”: o estado, o mercado, o capital, o trabalho assalariado, a democracia, a exploração tão todos numa mesma rede, numa mesma teia de aranha monstruosa.

*. a se acreditar q houve um “estado inicial de servidão” e se foi conquistando “espaços de liberdade”, isso não aconteceu por força da liberdade, mas por ela se tornar condição das produções: condição básica das regras, dos rituais, dos programas q tornaram as máquinas servis em máquinas contratuais: sem a liberdade, os direitos, as relações entre poderes, crenças e paixões, as individualidades em processos “graduais de liberalização”, não se teria a máquina tribal capitalista: sem os círculos viciosos não poderíamos compreender esses movimentos e suas cristalizações ideológicas: “o todo é anterior às partes”: a máquina tribal “existe independente da vontade dos indivíduos” [a máquina tribal é aristotélica]: a máquina tribal “existe independente da vontade dos indivíduos” mas, aos indivíduos criados por essa máquina, pensam q criaram a máquina tribal à sua imagem e semelhança pra “satisfação de seus interesses e carências”, como se a máquina tribal fosse um shopping center: e isso faz parte das próprias estratégias gerais de formatação da espécie de individualidade q se tornou dominante: é preciso defender o

indivíduo dos “abusos do poder” ou das “forças indomadas”, não por um “valor transcendente”, ou mesmo por um “valor imanente”, mas por um preço q “o estado ou a sociedade” pagaria quando os indivíduos se tornam presas de algo “fora da lei”: nessa questão, um estado “fraco” ou “forte” tanto faz: “estado e indivíduos” são esquizos funcionais da máquina tribal: o predomínio das partes é enganosa [o aristóteles vibra!]: as partes são produzidas pra serem partes, pra lutarem, trabalharem, pensarem, desejarem, sentirem como partes: assim produzem as produções, assim foram produzidos por elas: em nenhum momento há nenhum predomínio, supremacia, superioridade, hegemonia do indivíduo, q foi laboriosamente gestado, produzido, formatado pra ser individuo [o indivisível, o singular, a “unidade elementar”], isto é, trabalhador, elemento livre pra ser trabalhador: a face individualista, democrática, liberal, socialista da máquina tribal é apenas sua maneira, “moderna”, de produzir as produções, as proteções necessárias: o individualismo, o indivíduo [q é povo, massa, cardume] é o “boi de piranha” da máquina tribal, ou a imagem necessária à produção das produções: a máquina tribal aparece sempre bem como liberal, democrática, individualista, popular: sem a liberdade das partes, sem a distinção entre o privado e o público, sem a autonomia, a certeza e a luta pela igualdade de leis, sem a fé de fazer parte sem fazer, ?como produzir as produções da máquina tribal capitalista: o totalitarismo dessas democracias, desses individualismos, se encontra “noutro lugar”, com “outra essência”.

bibliografia

- Adorno, Theodor. **Minima Moralia**. Edições 70, Lisboa, 2001.
- Arendt, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Companhia das Letras, São Paulo 1989.
- _____. **A Vida do Espírito**. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 1993.
- Bauman, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Zahar, Rio de Janeiro, 2001.
- _____. **Vida Para Consumo**. Zahar, Rio de Janeiro, 2008.
- _____. **A Sociedade Individualizada**. Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 2008.
- Baudrillard, Jean. **O Sistema dos Objetos**. Perspectiva, São Paulo, 1989.
- _____. **Da Sedução**. Papyrus, São Paulo, 1990.
- _____. **A Transparência do Mal**. Papyrus, Campinas, 1991.
- Berman, Marshall. **Tudo que é Sólido Desmancha no Ar**. Companhia das Letras, São Paulo, 1986.
- Benjamin, Walter. **Obras Escolhidas**. 3 vol, Brasiliense, São Paulo, 1985/1987/1989.
- Bobbio, Norberto. **Liberalismo e Democracia**. Brasiliense, São Paulo, 1988.
- Bourdieu, Pierre. **O Poder Simbólico**. Difel/Bertrand Brasil, Rio de Janeiro, 1989.
- _____. **A Economia das Trocas Lingüísticas**. Edusp, São Paulo, 1998.
- Canetti, Elias. **Massa e Poder**. Companhia das Letras, São Paulo, 1995.
- Castoriadis, Cornelius. **A Instituição Imaginária da Sociedade**. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1991.
- Chauí, Marilena. **Política em Espinosa**. Companhia das Letras, São Paulo, 2003.
- Deleuze, Gilles. **O Anti-Édipo**. Assírio & Alvim, Lisboa, 2004.
- Espinosa, Baruch de. **Ética**. Autêntica, tradução de Thomaz Tadeu, Belo Horizonte, 2008.
- _____. **Tratado Político**. Abril Cultural, Col. Os Pensadores, São Paulo, 1983.
- _____. **Correspondencia**. Alianza, Madrid, 1988.

- _____. **Tratado Teológico–Político**. Martins Fontes, São Paulo, 2003.
- Foucault, Michel. **Microfísica do Poder**. Graal, Rio de Janeiro, 1985.
- _____. **História da Sexualidade: O Cuidado de Si**. Graal, Rio de Janeiro, 1985.
- _____. **História da Sexualidade: A Vontade de Saber**. Graal, Rio de Janeiro, 1988.
- _____. **História da Sexualidade: O Uso dos Prazeres**. Graal, Rio de Janeiro, 1988.
- _____. **Vigiar e Punir**. Vozes, Petrópolis, 1987.
- _____. **Em Defesa da Sociedade**. Martins Fontes, São Paulo, 1999.
- _____. **Hermenêutica do Sujeito**. Martins Fontes, São Paulo, 2006.
- _____. **Segurança, Território, População**. Martins Fontes, São Paulo, 2008.
- _____. **Nascimento da Biopolítica**. Martins Fontes, São Paulo, 2008.
- Fredric, Jameson. **Pós-Modernismo**. Ática, São Paulo, 1996.
- Harvey, David. **Condição Pós-Moderna**. Loyola, São Paulo, 2000.
- Hobbes, Thomas. **Leviatã**. Abril Cultural, São Paulo, 1974.
- _____. **Do Cidadão**. Martins Fontes, São Paulo, 1992.
- Hume, David. **Investigações sobre o Entendimento Humano**. Abril Cultural, Col. Os Pensadores, São Paulo, 1980.
- _____. **Tratado da Natureza Humana**. Unesp, São Paulo, 2009.
- Hutcheon, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**. Imago, Rio de Janeiro 1991.
- Lévy, Pierre. **A Inteligência Coletiva**. Loyola, São Paulo, 1998.
- _____. **Cibercultura**. Editora 34, São Paulo, 1999.
- Lukács, Georg. **História e Consciência de Classe**. Publicações Escorpião, Porto, 1974.
- _____. **Ontologia do Ser Social: Os Princípios Ontológicos Fundamentais de Marx**. Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979.
- _____. **Ontologia do Ser Social: A Falsa e a Verdadeira Ontologia de Hegel**. Livraria Editora Ciências Humanas, São Paulo, 1979.
- Marx, Karl. **O Capital**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1975.
- _____. **A Ideologia Alemã**. Presença, 2 vol., Lisboa, 1976.
- _____. **Miséria da Filosofia**. Grijalbo, São Paulo, 1976.
- _____. **Contribuição à Crítica da Economia Política**. Martins Fontes, São Paulo, 1977.
- _____. **A Sagrada Família**. Presença/Martins Fontes, Lisboa, s/d.
- Mészáros, Istvan. **Marx: A Teoria da Alienação**. Zahar, Rio de Janeiro, 1981.
- _____. **Filosofia, Ideologia e Ciência Social**. Ensaio, São Paulo, 1993.
- _____. **O Poder da Ideologia**. Ensaio, São Paulo, 1996.
- Mosé, Viviane. **Nietzsche e a Grande Política da Linguagem**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2005.
- Moura, Carlos A. R. de. **Nietzsche: Civilização e Cultura**. Martins Fontes, São Paulo, 2005.
- Nietzsche, Friedrich. **Além do Bem e do Mal**. Companhia das Letras, São Paulo 1992.
- _____. **A Gaia Ciência**. Companhia das Letras, São Paulo 2001.
- _____. **Aurora**. Companhia das Letras, São Paulo, 2004.
- _____. **Genealogia da Moral**. Companhia das Letras, São Paulo, 1998.
- _____. **Humano, Demasiado Humano**. Companhia das Letras, São Paulo, 2000.
- _____. **A Vontade de Poder**. Contraponto, Rio de Janeiro, 2008.
- Onate, Alberto Marcos. **O Crepúsculo do Sujeito em Nietzsche**. Discurso Editorial, São Paulo, 2000.

Rocha, Silvia Pimenta Velloso. **Os Abismos da Suspeita**. Relume Dumará, Rio de Janeiro, 2003.
Schopenhauer, Arthur. **O Mundo como Vontade e Representação**. Contraponto, Rio de Janeiro, 2001.
Stirner, Max. **O Único e sua Propriedade**. Antígona, Lisboa, 2004.

A FORMAÇÃO DO ESPÍRITO CIENTÍFICO

GASTON BACHELARD

Editora Contraponto

RESUMO: Fica como um dos elementos provocativos deste livro a afirmação do próprio Bachelard: toda cultura científica deve começar por uma catarse intelectual e afetiva. Resta, então, a tarefa mais difícil: colocar a cultura científica em estado de mobilização permanente, substituir o saber fechado e estático por um conhecimento aberto e dinâmico, dialetizar todas as variáveis experimentais, oferecer enfim à razão razões para evoluir.

SUMÁRIO: A noção de obstáculo epistemológico; O primeiro obstáculo: a experiência primeira; O conhecimento geral como obstáculo ao conhecimento científico; Exemplo de obstáculo verbal: a esponja – extensão abusiva das imagens usuais; O conhecimento unitário e pragmático como obstáculo ao conhecimento científico; O obstáculo substancialista; Psicanálise do realista; O obstáculo animista; O mito da digestão; Libido e conhecimento objetivo; Os obstáculos do conhecimento quantitativo; Objetividade científica e psicanálise.

Áreas de interesse: Análise do Discurso , Linguística Indígena, Antropologia.

Palavras-chave: índios, Amazônia, Cultura, Meio-Ambiente, Etnografia.